

**Recensão a *Estranha Noiva de Guerra*, de Armor Pires Mota. 2ª ed. Lisboa: Âncora Editora, 2010. ISBN: 9789727802852<sup>1</sup>**

“Apenas os mortos viram o fim da guerra”, afirma o filósofo e poeta George Santayana, na obra *Soliloquies in England and Later Soliloquies* (1922). Há uma verdade dolorosa nestas palavras, pois tanto ex-combatentes, como populações civis reconhecem que uma batalha não cessa com o silêncio das armas, nem finda com a assinatura de armistícios e capitulações. Nas memórias traumáticas e nos corpos amputados, no medo dos vencidos e na vergonha dos vencedores, na integração na sociedade do pós-guerra e no branqueamento da História subsistem as feridas de um conflito bélico — às vezes, abertas durante décadas.

Os manuais escolares retratam, em lógica de causa e efeito, no suporte de estatísticas e mapas, a chamada verdade histórica. Parece-me legítimo questionar: que interpretações ou factos são esses? A quem pertencem? A quem interessam? Cabe aos políticos e altas patentes militares tecerem um discurso ideológico oficial, que tenta dar um sentido patriótico à carnificina. Porém, à sombra desta visão, frequentemente distorcida, habitam milhares de histórias privadas: a verdade das vítimas e dos soldados à força. Raras vezes estas vozes emergem — por vergonha, por preferirem ocultar o que *não* podem esquecer, porque quando voltam a página do livro de História passam repentinamente de heróis a opressores, e a guerra onde sangraram é revista como inútil.

Cabe aos escritores e artistas reconstruírem essas histórias privadas e silentes. Porque um autor talentoso pode condensar, num único protagonista *ficcional*, as experiências de inúmeros soldados e vítimas *reais*. Nas águas da imaginação e da verdade, que se mesclam numa narrativa, é permitido contar os episódios marginalizados pela História, e proporcionar ao leitor uma visão íntima, que numerosos manuais científicos nem sequer em nota de rodapé apresentam.

Em Portugal, existe um vasto património artístico sobre a Guerra Colonial, designada, do outro lado do mar, como Guerra da Independência — um conflito que ao longo de treze anos opôs as Forças Armadas Portuguesas aos movimentos independentistas de Moçambique, Angola e Guiné-Bissau. Recordo, por exemplo, dentre os mais de sessenta romances nacionais que abordam esse tema, *Fado Alexandrino* (1983), de António Lobo Antunes, *Gente Feliz com Lágrimas* (1988), de João de Melo, ou *Jornada de África* (1989), de Manuel Alegre.

A par destes clássicos recentes, que já franquearam as portas do cânone literário,

---

<sup>1</sup> Mancelos, João de. “Recensão a *Estranha Noiva de Guerra*, de Armor Pires Mota”. *Máthesis* (Universidade Católica Portuguesa, Viseu) 21 (2012): 171-173. ISSN: 0872-0215.

existem longas prateleiras carregadas de romances pouco conhecidos sobre a Guerra Colonial. O público-leitor e a crítica ignoraram-nos não por falta de nível literário, mas por deficiências no *marketing* e na distribuição. É esse o caso de *Estranha Noiva de Guerra* (2010), o livro que o autor, Armor Pires Mota, me desafiou a apresentar. Gratamente, aceitei esse convite, por duas razões: primeiro, por se tratar de uma pequena obra-prima, uma aventura narrada por um combatente ficcional, mas escrita por um homem que, mobilizado em 1963, lutou na Guiné, a mais terrível frente de batalha na Guerra Colonial; segundo, porque acredito ser urgente retirar da sombra e limpar o pó a certos livros cuja qualidade justifica uma redescoberta.

Há quinze anos, quando este romance foi lançado pela Editora Estante, não obtive um retorno crítico significativo na imprensa literária, e um leitor só por sorte o encontraria, pois a distribuição foi restrita. *Estranha Noiva de Guerra* parecia ser um livro condenado à indiferença, não fosse a iniciativa do autor e da Âncora, que apostaram nesta segunda edição, revista, com uma capa mais apelativa, e um prefácio elucidativo do escritor Mário Beja Santos. Reli *Estranha Noiva de Guerra* em apenas dois dias, e verifiquei que este romance não perdeu nem atualidade, nem impacto, talvez por se tratar de uma obra diferente das restantes narrativas sobre a Guerra Colonial, singular tanto no estilo como no enredo.

Esta é uma odisseia vivida por um tal José Joaquim Bravo Elias, de Parada do Junco, jovem de vinte anos, soldado à força, igual a tantos outros, que as circunstâncias trágicas transformaram num herói discreto. Apanhado numa emboscada, perdido da sua coluna, recupera a consciência no meio do mato. É o pesadelo de qualquer militar e o pavor assola-o: “os fios do medo eram tão crispados como lianas da floresta em dias de fornalha. A alma sentia-a tão violentada como o couro de tambores de África em noite de choro grande” (p. 17).

Por treino ou instinto, o seu primeiro ato é disparar a G3, varrendo todo o campo de tiro. Contudo, não há sinal nem do inimigo nem do pelotão e, a seu lado, apenas o companheiro de armas Júlio Perdiz, geme, moribundo. O Bravo Elias carrega a morte às costas — literalmente. Incapaz de abandonar o camarada, transportá-lo-á ao longo de dezenas de quilómetros, através da floresta, cruzando rios, enfrentando guerrilheiros, contando aqui e além com a desconfiada colaboração das populações locais, sentindo-se abandonado por Deus e pelo Diabo. No entanto, não rejeita a sua missão, descrita nestes termos:

A verdade é que era necessário meter-me a caminho e com força bastante para resgatar o meu camarada aos matos, aos bichos e aos guerrilheiros. Porém, não deixava de me aperceber, em estilhas de sofrimento, que era uma coisa triste, tudo aquilo, mas, ao mesmo tempo, sentia uma vaga e confusa sensação que era também, possivelmente, a coisa mais bela que me cabia em toda a guerra até àquele momento. Era restituí-lo à família, devolvê-lo à aldeia, nossa

comum raiz. Ou talvez fosse uma coisa absurda, erradamente épica.  
(p. 63)

O objetivo do Bravo Elias é regressar à base de operações, sem cair nalguma emboscada de guerrilheiros independentistas e sem sucumbir à exaustão, ao longo desta *via crucis* (p. 85). A situação extrema do jovem furriel, o Bravo Elias, recorda, em diversos aspetos, os rituais de passagem ainda hoje praticados em sociedades tribais. O iniciado encontra-se num local desconhecido, só, e deve enfrentar diversas provas, antes de encontrar o caminho de regresso à aldeia, através da floresta. Nesta jornada perigosa, aprenderá a sobreviver no meio hostil, desembaraçar-se das feras e defender-se de inimigos humanos. Apenas depois desse ritual será reconhecido, no seio da comunidade, como um homem adulto e de pleno direito.

No entanto, para a maioria dos soldados das Forças Armadas Portuguesas envolvidos na Guerra Colonial, o conflito não era um ritual voluntário nem desejado, mas sim uma obrigação imposta pelo Estado. Lutava-se porque tinha de ser, mesmo que a consciência fosse contrariada e não subscrevesse os ideais imperialistas; combatia-se porque, heroísmos à parte, governava a lei do matar ou morrer. Como desabafa o narrador: “Mais importante do que ser herói era sobreviver, quando se descia aos abismos. E não havia pior guerra do que a do mato. Nós andávamos no inferno. Os negros também” (p. 44).

Contrariamente à generalidade dos romances portugueses sobre a Guerra Colonial, um terço do enredo deste é constituído pela evocação de memórias quer da vida militar, quer da aldeia tranquila onde o protagonista nasceu. Ou seja, parece interessar menos o suspense e a ação, e sobretudo a análise do passado e do presente, ganhando assim a obra uma dimensão mais profunda. O isolamento do furriel, acentuado após a morte do companheiro que carregava às costas, propicia reflexões acerca dos laços de amor fraternal que se tecem entre os camaradas de armas, mas também da brutalidade das escaramuças. Alguns dos episódios evocados são perturbadores:

Sabia-se que um informador do IN fora ali enforcado no enorme poilão que, a partir daí, começou a exhibir alguns esquisitos dísticos de mau humor (ou bom?): “é favor não pisar a relva”; “é proibido colher flores”; “é favor não avançar”; “as portas do inferno”; “daqui a Lisboa, 3500 quilómetros”. A vítima, dançando de um galho, não fez mais do que arremessar para fora a língua seborrenta. (...) O negro, desde então, ficou a bailar-nos na colher de sopa. (p. 25)

Trata-se apenas de mais uma atrocidade num conflito longo e sangrento? Para Bernard Clavel, no romance pacifista *Le Silence des Armes* (1974), a expressão “crime de guerra” constitui um pleonasma, pois, afinal, todos os conflitos bélicos encerram uma sucessão de horrores

contra a natureza humana. Armor Mota não se escusa a revelar desassombadamente o medo que afligia os soldados (p. 25); as saudades de casa (p. 63); o desejo de suicídio (p. 33); os guerreiros mortos em combate, evocados com uma resignação dorida: “Quando calhava e Deus permitia, lá ia um dos nossos pedir asilo no céu, que na terra não se podia viver a inocência dos dias por vir ou os sonhos estupidamente adiados no cano das espingardas” (p. 35).

Se há tempo para matar, há também um lugar para o amor e para o desejo, mesmo nas circunstâncias mais cruéis. A bela Helena Abranches, mulher do capitão, evoca subtilmente Helena de Troia, e também ela é motivo de discórdia, porque, embora seja casada, insinua-se junto dos soldados, consciente da sua sensualidade. Para espanto e embaraço do Bravo Elias, entra-lhe no quarto, dá duas voltas à chave — e o resto, o leitor adivinhará. O outro amor do furriel, mais profundo, é por uma mulher negra de nome Mariama, a sua estranha noiva de guerra, que o guiará através do mato, salvando-lhe a vida, com risco da sua. O narrador descreve-a em traços largos:

Não era uma criatura perfeitíssima. Todavia, tinha um não sei quê no olhar espantadiço e rutilante que era muito natural que se gostasse dela, como aliás eu gostei. Pode dizer-se que era bonita. Na verdade, nunca tinha sentido tanto gosto em possuir uma mulher como aquela que me fora noiva durante três atribulados dias. E, depois, mais algumas semanas. (p. 67)

É sobretudo no estilo que este romance se distancia da generalidade dos livros de guerra publicados nas últimas quatro décadas. Armor Mota pratica uma escrita laboriosa, demanda a palavra certa, *le seul mot juste* que Gustave Flaubert acreditava ser a marca dos grandes poetas. Nesta procura, utiliza termos próprios das línguas faladas na Guiné — incorlú (p. 17), djalolo (p. 20), salalé (p. 22), jagudis (p. 64) — regionalismos portugueses, calão e brejeirice nos diálogos entre combatentes, e termos técnicos da área militar. Embora não sejam essenciais para a compreensão dos meandros do enredo, estes vocábulos justificariam um glossário final. Em última análise, concedem realismo à narrativa e um sabor próprio, legível em passos tão vívidos quanto este:

De repente, o barulho de uma culatra e os primeiros disparos apressados de uma sentinela estremunhada. A tropa reagiu forte, abafando o grunhido irritante da costureira malvada. Sabem como era. Então, os soldados receberam ordem para avançar em linha na ponta direita. Aldroengas havia deixado para trás o corpo do guerrilheiro, com um pontapé do Garcez, que lhe sacou a arma. Entretanto, outras armas começaram a borregar e ladravam afoitas, à medida que o estrondar dos morteiros e bazucas começou a impor a sua voz. Mas já um grito lancinante havia de vibrar contra o aço. Era o

pobre Garcez que recolhia um tiro em pleno peito. (p. 35)

O tom do romance oscila entre o humor negro, próprio das circunstâncias de guerra, que ajuda a sobreviver às privações e ao risco, e uma profunda sensibilidade, sem nunca resvalar para o patético ou para a autocomiseração. O realismo é um dos seus trunfos, plasmado na capacidade de criar uma atmosfera envolvente, por vezes, densa, onde o medo paira no ar, e o amanhã é apenas uma conjectura.

Em suma, Armor Mota construiu um romance lúcido, que evoca Alcácer Quibir na versão contemporânea: o conflito colonial. Esboça a geração que regressou nas naus de Quinhentos — e com ela o esquife soçobrado do mito expansionista. E, mais do que um singular retrato da epopeia trágico-terrestre em África, o autor concebeu no Bravo Elias o exemplo de um soldado frente à bestialidade da guerra, que empreende uma viagem iniciática. O romance permanecerá como um empolgante *thriller* bélico, narrado num estilo tão laborioso quanto intenso, para ler de capa a capa, com o coração nas mãos e a memória no olhar.

João de Mancelos